



SAMBA, FORRÓ E CHICLETE COM BANANA: O BE-BOP DE JACKSON DO PANDEIRO¹

Moacir Barbosa de Sousa²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Jackson do Pandeiro é considerado um dos melhores ritmistas da música popular brasileira, pela forma como entoava seus xaxados, cocos e baiões e pela manipulação do instrumento musical que lhe deu nome artístico. Quando era moleque e brincava nas ruas de Alagoa Grande, na Paraíba, queria uma sanfona, mas só havia dinheiro para comprar um pandeiro. Flora, a mãe, era uma cantora de coco famosa nascida no interior pernambucano; ao lado do filho dava shows em feiras, vaquejadas e festas no interior da Paraíba. Logo depois Jackson seguiu um roteiro comum aos astros e estrelas do rádio paraibano e pernambucano: saindo da cidade natal faziam de Recife o trampolim que os levava ao sucesso nas rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo. O professor e pesquisador pernambucano Luiz Maranhão Filho tem se debruçado sobre estudos deste fenômeno, umas vezes de migração, outras de troca; até agora foram listados os seguintes astros e estrelas que seguiram o roteiro: Severino Araujo e orquestra Tabajara, Sivuca (músico e compositor), Paulo Pontes (teatrorólogo e radialista), Jararaca e Ratinho, Marinês, Abdias, Trio Nordestino, Fernando Lobo, Agnaldo Rayol, Capiba, (pernambucano, mas a família viveu muito tempo em Campina Grande), Nôzinho (maestro da Rádio Jornal do Comércio); os diretores de emissoras Hilton Mota, Nereu Bastos e Antônio Lucena; José Santa Cruz (paraibano, trabalhou na Rádio Tabajara), dublador e humorista da televisão; o jornalista-compositor-cronista Antônio Maria; a atriz global Arlete Sales, ex-locutora da Rádio Jornal do Comércio, Rádio Tamandaré e TV Rádio Clube de Pernambuco. O paper, dentro deste contexto histórico, resume a carreira do forrozeiro, que viveu até 1982.

PALAVRAS-CHAVE

Música brasileira; rádio; indústria fonográfica.

INTRODUÇÃO

- Dona Flora, venha ver o que seu filho fez com o meu...
- O que ele fez?
- Repare aqui, espie os beijo do menino...
- Dona, desde que cheguei aqui esse menino tem os beijo desse tamanho. Não vou bater no meu filho por isso, não. Quem fez isso foi Deus...³

Na era de ouro do rádio brasileiro, Pernambuco e da Paraíba se destacaram por um relacionamento de troca de seus astros, estrelas, técnicos e dirigentes. No auge da popularidade dos programas de auditório, cantores, músicos e humoristas serviram-se da grande popularidade daqueles programas, usando as rádios Jornal do Comércio e Clube de Pernambuco como trampolim para uma carreira profissional em emissoras do Rio de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XII Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Associado 2, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Moura e Vicente (2007, p. 57)



Janeiro e São Paulo. Na vizinha Paraíba sobressaíram-se a pioneira Rádio Tabajara, primeira estatal da radiodifusão nordestina e as Rádios Caturité e Borborema, esta última pertencente à rede de emissoras associadas de Assis Chateaubriand. Um estudo iniciado pelo professor Luiz Maranhão Filho ainda não apresentou conclusões que explicassem o êxodo. Um dos roteiros era partir da cidade natal seguindo para Campina Grande (segunda maior cidade da Paraíba), depois João Pessoa, Recife, até o objetivo no sul do país. Além dessa migração, observou-se também o fenômeno de troca de artistas.

De Alagoa Grande, cidade do brejo paraibano a 111 quilômetros da capital, partiu José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, que se tornaria um ícone para alguns nomes da música brasileira, como Alceu Valença, Lenine, Jarbas Mariz, As Bastianas, Cascabulho, Cabruera e Chico César. O nome artístico foi inspirado no astro do faroeste americano Jack Perrin⁴, ídolo da meninada nas matinês do único cinema de Alagoa Grande (o cine Brasil), em projeções na bitola de 16 milímetros.

Foi um grande ritmista e exímio na arte de tocar pandeiro, levando para a voz e o resto do corpo essa habilidade que o fez famoso. Orgulhava-se disso e de suas origens nordestinas, segundo Moura e Vicente (2007, p. 30): "Eu sempre quis mesmo ter nascido na Paraíba, porque se não tive nascido por lá talvez as forças divinas não tivessem me dado o dom que me deram. O dom de tocar esse pandeiro [...]"

Um completo estudo sobre a vida e obra de Jackson do Pandeiro foi realizado pelos jornalistas paraibanos Fernando Moura e Antônio Vicente, publicado em 2001 e reimpresso em 2007 pela Editora 34: *Jackson do Pandeiro - o Rei do Ritmo*, que serviu de fonte principal para a produção do presente trabalho⁵. Em 400 páginas, os autores traçam em minúcias sua trajetória, desde a "fome que dá dor de cabeça" ("passei muita fome", dizia Jackson), vagando por Campina Grande, João Pessoa e Recife, ao casamento tumultuado com a parceira Almira Castilho, as infidelidades conjugais e o sucesso.

⁴ Nascido em 25 de julho de 1896 e falecido de ataque cardíaco em 17 de dezembro de 1967; seu nome verdadeiro era Lyman Wakefield Perrin. Atuou em faroestes B da Republic Pictures. Tem uma estrela na Calçada da Fama em Hollywood.

⁵ Recentemente, a Livraria da Folha também lançou um livro sobre Jackson do Pandeiro escrito pelo jornalista e radialista Kiko Ferreira.

O ÊXODO RADIOFÔNICO

Luiz Gonzaga – Rapaz, tu és um cabra da peste mesmo, né? Tu és um sanfoneiro de boca. Tudo que eu tenho que fazer aqui tu fica dizendo...Oh, desgraçado, por que tu não aprendesse a tocar sanfona?
Jackson – Primeiro, porque a sanfona era muito cara e minha mãe não podia comprar...Segundo, porque eu achava que era muito difícil.⁶

Nos seus primórdios, o rádio nordestino viveu em função dos modelos de outros centros. Em João Pessoa, por exemplo, o cantor Eclipse, crooner da orquestra Tabajara de Severino Araújo imitava o carioca Blecaute. De uma maneira geral, o rádio de Pernambuco era o mais profissional da região, com ênfase no radiojornalismo. Duas importantes emissoras se sobressaíram em Recife: a Rádio Clube de Pernambuco, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, no ar em 1919, e a Rádio Jornal do Comércio, do grupo Pessoa de Queiroz, no ar em 3 de julho de 1948. Essas emissoras aderiram ao trinômio “novelas-programas de auditório-radiojornalismo”. Recife teve seu cast de radioatores famosos que nada deviam aos ídolos da Rádio Nacional: Geraldo Liberal (Jerônimo, o herói do sertão), Marilene Silva (Aninha, a eterna noiva de Jerônimo); o Repórter Esso (apresentado com exclusividade por Edson de Almeida).

Os programas recifenses de auditório tinham na figura do apresentador Fernando Castelhão (falecido em 2008) sua maior figura. Neles, se destacaram cantores, atores, locutores e produtores dos estados vizinhos da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas com uma tendência comum: logo depois de se apresentarem para o público pernambucano, pegavam o primeiro *Ita* com destino ao Rio de Janeiro. Enquanto se implantava na região, buscando sua linguagem e formas de comunicação, o rádio nordestino ia exportando para o resto do país artistas que venceram obstáculos deixando sua marca no cenário radiofônico regional, e posteriormente, no campo nacional.

A pesquisa do professor Luiz Maranhão esboçou um levantamento prévio dos nomes que passaram pelos auditórios paraibanos e pernambucanos. Um deles foi o maestro Severino Araújo e sua orquestra Tabajara, que fez sucesso ao tocar nos programas de auditório da Rádio Tabajara, em João Pessoa, no "estilo Glenn Miller", embora com repertório brasileiro. Partindo direto da Paraíba, Severino Araújo estabeleceu-se no Rio de Janeiro animando bailes no mesmo estilo que o consagrou no nordeste. Em 1956, a Orquestra Tabajara foi considerada pela crítica a melhor orquestra do ano, destacando-se os elogios dirigidos pelo compositor Jair Amorim, que participou da escolha.

⁶ Moura e Vicente (2007, p. 168)



Com o breve afastamento de Severino Araujo, assume a direção da Orquestra Tabajara o maestro Nôzinho, da Base Aérea de Recife, que tocava sax alto e clarinete. Ao animar o carnaval carioca de 1945, a Orquestra Tabajara mereceu o seguinte destaque da imprensa no jornal oficial da Paraíba *A União*:

Sábado passado, das 21 horas em diante a Rádio Tupy, da cadeia dos Associados deu o grito de carnaval na Capital da República, apresentando para todo o Brasil a música mais típica e ardente, música que arremeda o pião, o curripio, os toques de trombeta, a algazarra, o pastoril, tudo enfim o que é do nordeste – o frevo. Os salões da Rádio estavam apinhados. No meio da multidão que se comprimia no auditório, o general Fulgêncio Batista, ex-presidente da República de Cuba; junto a ele o interventor Ruy Carneiro. Assis Chateaubriand e um punhado de figuras de destaque no cenário político da atualidade, e, mais, cumprida [sic] ainda a multidão daqueles que descem os morros para escutar lá em baixo, - porque não puderam adquirir lugares no quinto andar da G-3 – os acordes da música pernambucana [...] No palco do auditório da Tupy, era a presença do locutor numero 1, Carlos Farias,[sic] a Orquestra Tabajara, sob a batuta de Severino Araújo, que abria a noite de frevo, com o maravilhoso “Tabajaras no Rio”, ficando a parte coreográfica a cargo do rei-do-passo em Recife, Milton Moreira, que arrancou da platéia uma ovação jamais presenciada em qualquer programa radiofônico [...] Não há quem se contenha dentro do auditório. A algazarra vai tomando foros de uma vibração de massa jamais presenciada nesses últimos tempos. Silvio Caldas, de maneiras tão distintas, e meio comedido a cantar seus sambas, aparece para interpretar o frevo de Nássara e Frazão “Eu vou pra Pernambuco”, e, sem se sentir, começa a gingar e requebrar, e, Carlos Farias, de quando em vez a elogiar os rapazes que não há muito deixaram a capital da Paraíba [...] (SOUSA,2005, p. 38)

Severino Dias de Oliveira, o Sivuca, nasceu em Campo Grande, distrito de Itaiana, na Paraíba, em 26 de maio de 1930 (em plena Revolução de 30). Entre 1939 e 1945 tocou sanfona nas festas do interior nordestino. Foi convidado pelo maestro Nelson Ferreira, de Recife, para atuar no programa de calouros “Divertimentos Guararapes”. De 1948 a 1955 fez parte do cast da Rádio Jornal do Comércio de Recife, onde aprendeu teoria musical com os músicos da orquestra da emissora. Durante três anos estudou harmonia com Guerra Peixe. Gravou o primeiro disco em 1949 e sua estréia no rádio paraibano ocorreu em 1945. Morreu de câncer aos 76 anos de idade. Sobre Jackson, disse o Sivuca:

[...] Eu estava acostumado a tocar com pandeiristas, mas com Jackson foi uma coisa diferente. Foi mais um complemento do que um acompanhamento. Ele chegou, criou e ficamos brincando. Jackson com o pandeiro e eu com a sanfona. Ficamos dialogando. Foi o primeiro pandeirista que realmente me impressionou. (MOURA e VICENTE, 2007, p. 28)

No final dos anos 1940, o Trio Nordeste deixou Campina Grande para divulgar a música regional fora do nordeste, contando com a ajuda de Luiz Gonzaga. O conjunto cantou em programas de auditório na Rádio Tabajara e depois na Rádio Jornal do Comércio de Recife. Maria Inês de Oliveira Farias formou um grupo chamado *Marinês e sua Gente*, e junto com o marido, o sanfoneiro Abdias, saiu de Campina Grande em 1955, tomou parte em programas de auditório da rádio Tabajara e das emissoras de Re-



cife e fez sucesso ao participar de autênticos forrós nordestinos promovidos por entidades ligadas à cultura nordestina. Embora nascida em Pernambuco, morou grande parte de sua vida em Campina Grande.

Waldeck Artur Macedo, que adotou o nome artístico de Gordurinha, em virtude de ser muito magro, aos 29 anos abandonou o curso de Medicina em Salvador e foi tentar a vida de artista nas rádios Jornal do Comércio e Tamandaré de Recife, onde produzia e apresentava programas. Depois de largar tudo no nordeste, embarcou para o Rio de Janeiro. Sofria de asma, por isso aplicava-se largas doses de morfina; numa dessas ocasiões, a superdosagem o matou, aos 46 anos de idade.

Fernando Lobo, amigo e parceiro do jornalista pernambucano Antônio Maria, viveu a sua juventude em Campina Grande, na Paraíba, onde estudou piano com o pai do compositor de frevos Capiba. Nasceu em Recife, em 26 de julho de 1915 e morreu no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1996. Enquanto estudava Direito em Recife, para sobreviver apresentava-se como crooner e solista de violino da Jazz Band Acadêmica. Sua primeira música foi o frevo-canção *Alegria*. Atuou no jornalismo pernambucano até 1939 quando viajou para o Rio de Janeiro onde trabalhou nas revistas *O Cruzeiro*, *A Carioca* e *A Cigarra*. Foi diretor da Rádio Tamoio, do Rio de Janeiro. Em 1945, nos Estados Unidos, trabalhou na NBC e CBS. Suas músicas de maior sucesso são *Ninguém me ama*, *Nêga Maluca* e *Chuvvas de Verão*. É o pai do cantor e compositor Edu Lobo.

Outros nomes constam no levantamento da pesquisa de Luiz Maranhão: Capiba, (era pernambucano, mas a família viveu muito tempo em Campina Grande), que se fixou em Recife; o maestro Nôzinho, da Rádio Jornal do Comércio; os diretores de emissoras Hilton Mota, Nereu Bastos e Antônio Lucena; José Santa Cruz (paraibano, trabalhou na Rádio Tabajara), dublador e humorista da televisão; o jornalista-compositor-cronista Antônio Maria; a atriz global Arlete Sales, ex-locutora da Rádio Jornal do Comércio, Rádio Tamandaré e TV Rádio Clube de Pernambuco.

O maestro paraibano Duda foi empresário de artistas como Altemar Dutra, Ângela Maria e Toni Tornado. Em 2010, dois anos depois de sua morte, seus frevos mais populares foram gravados num CD por Elba Ramalho, Silvério Pessoa e Claudionor Germano. “Todas as homenagens são merecidas a ele que era um dos maiores representantes de nossa cultura e da preservação de seu patrimônio”, disse o cantor de frevos pernambucanos Claudionor Germano. A importância do frevo em Pernambuco e na Paraíba trouxe à tona outra disputa por uma determinada primazia: a invenção do trio



elétrico, reivindicada pelos baianos Dodô e Osmar com sua “fobica” em 1951, quando a dupla teve a ideia de ligar à bateria de um velho Ford uma guitarra baiana chamada de “pau elétrico” e um sistema de alto-falantes. Oito anos antes, Genival Macedo⁷ com a ajuda do técnico Nivaldo Gomes, adaptou uma camionete Chevrolet 1939 com amplificadores e saiu com o irmão Gilvan Macedo tocando frevos pelas ruas de João Pessoa.

O COMEÇO EM ALAGOA GRANDE

De saída, eu achei o Rio de Janeiro parecido com um tabuleiro de cuscuz, cheio de morros. Fiquei atordoado. Tanta casa alta, tanta gente nas ruas, tanto automóvel...Tive vontade de voltar na mesma hora. Quando abria o sinal era aquela imundície de gente. Foi quando me convidaram pra conhecer Copacabana. Ôxente, eu endoidei! Era tanto maiô metido a besta.⁸

Cidade do Brejo da Paraíba (região intermediária entre o Litoral e o Sertão, situada na encosta da Serra da Borborema), a cidade natal de Jackson do Pandeiro era parte integrante do município de Areia. Localizada aproximadamente a 140 quilômetros da capital João Pessoa, na metade do século XIX Alagoa Grande tornou-se independente como cidade. Desenvolveu-se através da agricultura baseada na cana-de-açúcar, que utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava. Neste município localiza-se a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, herança dos negros que ajudaram no crescimento econômico e cultural da cidade⁹.

Em 17 de junho de 2004 aconteceu uma tragédia na cidade, que ainda hoje apresenta cicatrizes: o rompimento da barragem Camará, construída três anos antes no Rio Mamanguape. O rompimento elevou o nível do rio em mais de cinco metros, inundando Alagoa Nova e Alagoa Grande, onde, em alguns pontos, a água atingiu quase dois metros de altura dentro das casas. A barragem tinha capacidade para 26 milhões de metros cúbicos de água, ocupava uma área de aproximadamente 160 hectares e custou R\$ 19,6 milhões. A tragédia deixou 3.000 desabrigados e 200 casas destruídas.

Os anos 1980, de grande movimentação política e policial em algumas cidades do interior paraibano devido a problemas fundiários, registram a figura de Margarida Maria Alves, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Grande, onde ela se destacou na luta por direitos básicos dos trabalhadores rurais como carteira de

⁷ O radialista paraibano Genival Macedo, nascido em 1910, que compôs em 1950 o quase hino paraibano “Meu sublime torrão”, foi o responsável pela primeira transmissão de um programa de rádio na Paraíba: a “Matinal de Ritmo”, na rádio Tabajara, que foi ao ar em 1947 diretamente do auditório do cine Plaza (este último extinto nos anos 1980, quando as salas de exibição deram lugar a igrejas evangélicas e shoppings).

⁸ Moura e Vicente (2007, p. 181)

⁹ O folclorista paraibano Tenente Lucena, já falecido, descobriu entre os instrumentos tocados pelos negros da comunidade um pífano fabricado na França no século XIX. A prefeitura de Alagoa Grande se empenha em preservar a Banda de Pífanos da Caiana dos Crioulos.



trabalho assinada, 13º salário, jornada de trabalho de oito horas e férias. Sua atuação no sindicato entrou em choque com alguns senhores de engenho. Ela foi assassinada na frente do marido e do filho por um matador de aluguel com um tiro no rosto, que lhe deformou a face. Considerado crime político, o fato em organismos políticos de defesa dos direitos humanos. Margarida dizia que "é melhor morrer na luta do que morrer de fome".

Em 31 de agosto de 1919, Jackson do Pandeiro nasceu numa Alagoa Grande próspera com suas dezenas de engenhos de açúcar e usinas de beneficiamento de algodão que era exportado para o resto do Brasil e exterior. Para escoar a produção, a empresa britânica Great Western Railway ligava a cidade aos pontos mais importantes do nordeste.

Os vagões partiam da cidade abarrotados de algodão, agave, rapadura, aguardente, açúcar, milho e feijão, voltando com mão-de-obra para a agroindústria, material de construção para expansão do casario da cidade e das casas dos engenhos e o pesado mobiliário para seus interiores. Até pianos chegam aos montes. Quinze, na fase de pico. Foi em um desses, na casa do juiz Francisco Peregrino Albuquerque Montenegro, que o molecote Jackson travou o primeiro contato com o instrumento. (MOURA e VICENTE, 2007, p. 28)

A cidade tinha uma vida cultural intensa, com uma escola de música fundada em 1908 e o Theatro Santa Ignez que apresentava saraus artísticos com violino, piano e bandolim. A musicalidade do local impregnou o filho do oleiro José Gomes e da cantora de coco (ou coqueira) Flora Maria da Conceição, que adotaria mais tarde o nome artístico de Flora Mourão.

Os sapos, em grande quantidade na região, inspirariam em 1970 a composição *Cantiga do Sapo*: "Tião?/Oi!/Fosse?/Fui!/Comprasse?/Comprei!/Me diz quanto foi?/Foi quinhentos réis". Atribui-se a Frei Damião o desaparecimento dos sapos do local: em uma de suas pregações à noite, não gostando do coaxar dos animais, que encobria as preces, o frade capuchinho ergueu os braços e a partir de então, e definitivamente, fez-se silêncio na região¹⁰.

¹⁰ Em Patos, no sertão da Paraíba, Frei Damião irritou-se com a sirene do cinema da cidade que tocava para chamar os frequentadores; segundo ele, o barulho impedia os fiéis de se concentrarem nas orações. Mandou um recado solicitando ao gerente do cinema que parasse com os toques. Este respondeu dizendo: "digam ao frei que, se a igreja toca o sino para chamar as pessoas para a missa, eu toco a sirene chamando os frequentadores para os filmes". Dado o recado, frei Damião respondeu: "podem deixar, o barulho não vai mais incomodar". A partir de então, a sirene do cinema não tocou mais, mesmo de depois ser retirada para inúmeros consertos. Uma nova sirene que foi colocada no lugar também não funcionou.



Uma outra corrente, hoje, poderia atribuir o fenômeno a Jackson. Ao sair de Alagoa Grande ganhando o mundo com sua voz, ele teria levado presos em suas cordas vocais todos os timbres, onomatopeias e nuances sonoras dos sapos do lugar. Daí sua capacidade inigualável de divisão rítmica, usando e abusando das síncopas com a naturalidade da fauna brejeira que conhecera quando criança. Daí, o silêncio reverencial da bicharada. Daí, uma explicação não muito longe da verdade. Simbolicamente falando, claro. (MOURA e VICENTE, 2007, p. 26)

Flora Maria da Conceição nasceu em Timbauba, Pernambuco, e mudou-se para Alagoa Grande aos 18 anos, já familiarizada com as danças das rodas de coco do interior pernambucano. Na nova cidade, ela torna-se personagem importante nas rodas de samba, nos cocos e nos forrós. Conheceu e casou-se com José Gomes com quem teve José/Jackson, Severina e João - o Tinda. Os meninos tinham traços físicos do pai - eram magros, morenos de estatura baixa e sem pelos no corpo. Severina era muito diferente - alva, cabelos louros cacheados e olhos quase verdes. Era cobiçada pelas senhoras de engenho locais, que gostariam de adotá-la para tirar da miséria em que vivia com a família. Mário de Andrade, segundo Moura e Vicente, ficou hipnotizado pela dança do coco nordestino na sua "viagem etnográfica", entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, que resultou no livro *Os cocos*. Andrade observou que os cantadores (ou tiradores) de coco ignoram completamente a teoria musical, compasso e ritmo, coisas de "grego para eles".

MUDANÇAS

- Rapaz, como você é feio... (comendador Vicente Vitale, diretor-presidente da gravadora Copacabana).¹¹

Com o fim da Revolução de 30¹², a Paraíba entra em colapso econômico com a queda da produção algodoeira e açucareira. Alagoa Grande também entra em colapso. Em 1931 morre o Zé Gomes; para Moura e Vicente (2007, p. 43): "O pai parte em espírito e a fome chega física, rasgando o estômago de uma viuva e seus três pequenos órfãos". Desanimada e em depressão, Flora deixa que os filhos cacem passarinhos e pequenos animais para ter o que comer, roubem frutas dos sítios e até catem o lixo e pegam esmolas. Ela emudece e se entristece. Passa meses sem cantar seus alegres cocos. Era tempo de mudanças. Com a morte do pai, o menino José Gomes Filho, a mãe e os dois irmãos deixaram a sua Alagoa Grande rumo a Campina Grande.

¹¹ Moura e Vicente (2007, p. 182)

¹² Movimento liderado pelo deputado Zé Pereira que eclodiu na cidade de Princesa Isabel. Ele era um dos mais temidos coronéis do nordeste na época; formou uma milícia particular e instalou um governo independente em Princesa Isabel, com leis próprias, hino e bandeira.

Sempre de mãos dadas, não cansavam de entoar: "Guriatã de coqueiro/Fugiu de sua gaiola/Guriatã de coqueiro/Bateu asa e foi embora". Mãe e filho também batem asas. Para sobreviver, têm que deixar aquela "lindezinha pastoral ao pé da serra", no dizer do "turista aprendiz" Mário de Andrade. Partem para a cidade grande. Vão para Campina a capital do interior nordestino. (MOURA e VICENTE, 2007, p. 44)

Antiga Vila Nova da Rainha, Campina, a capital econômica da Paraíba, era estrategicamente o centro do roteiro dos viajantes de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Flora tinha uma irmã, Maria Jacinta da Conceição, que era casada com Manuel Galdino, um bem posicionado tropeiro de burros que sempre acudia os parentes em dificuldades econômicas. Galdino admirava demais a cunhada (o que resultou em comentários maldosos) e acolheu os três órfãos e a viuva. Jackson foi trabalhar na Padaria São Joaquim, no centro de Campina Grande, de propriedade de um amigo do tio Galdino. Saía de casa antes do amanhecer levando um tijolo enrolado em um lenço, à guisa de marmitta. Nas horas vagas frequentava a "zona" de Campina Grande, a Mandchúria, conduzindo além do simulacro de marmitta um bombo que seria o começo de tudo.

A vida foi passando e Flora "amigou-se" com um pedreiro chamado Zé Piroca. Segundo Moura e Vicente (2007, p. 51): "Adepto da propaganda, a alma 'do negócio', nunca deixou pistas de seu nome verdadeiro, nem do seu paradeiro, quando se foi". Dado a uns tragos além da conta e desocupado o dia todo em casa, Zé Piroca tenta agredir Jackson, porém não contou com a fúria e a proteção maternal de Flora, que enxota o agressor de casa como um cão. O filho desse breve relacionamento, Cícero, tem na figura de Jackson o irmão e o pai ao mesmo. Jack amadurece em meio às bolachas, cujos cortes são feitos ritmados. Até que um dia, João Galdino, irmão do tio Manuel diz "esse caba não dá pra trabalhar, não. Ele dá pra tocar pandeiro. Só veve tocando nas coisa..." A vida resumia-se a música, mulher e cachaça. Segundo MOURA e VICENTE (2007, p.54), ele "Encarava o que aparecia. Sacode o ganzá, castiga o bombo, sopra a gaita, repica o tamborim, desfia o reco-reco. Jack vai ficando popular, conhecido pela cidade. Até na Feira Grande, na Maciel Pinheiro, seus tentáculos musicais começavam a despontar".

Um dia conhece Abdias, grande tocador de banjo e violonista que o leva a conhecer o mundo formal da harmonia, nascendo aí uma grande amizade. A despeito de ter amizades sólidas e duradouras, algumas se prolongando até o fim da vida, foi apenas para Abdias que Jackson compôs uma música exclusiva, "Saudade de um amigo", incluída no LP *Braza do Norte*, de 1967. Nela, Jackson aproveita para imortalizar uma fase especialíssima de sua vida, quando chegou a empunhar o fole de oito baixos e arriscou, sem constrangimentos, manipular a concertina com a liberdade de um criativo aprendiz. (MOURA e VICENTE, 2007, p. 61)

Em meados dos anos 1930, Jackson cantou num serviço de alto-falantes do Gaúcho¹³, em Campina. Tornou-se uma figura popular. Atuou também como goleiro do Central de Campina Grande, onde “pulava que nem um gato”, segundo os amigos. Em 1938, para desgosto de Flora, Jackson casou-se com Maria da Penha Filgueiras, uma prostituta da Mandchúria. O casamento se dá após ele ser acusado de ter “bulido” com a moça, que era menor de idade. A união durou pouco tempo; ambos voltam aos cabarés: ela para ganhar a vida, e ele para gastar o dinheiro e tocar seu pandeiro.

Essa assiduidade aos cabarés campinenses leva-o a meter-se em encrenca que o obriga a deixar a cidade serrana, tomando destino da capital João Pessoa, onde procura o bar de Adelson, que fala para ele (MOURA e VICENTE, 2007, p.88): “[...] não tenho como lhe pagar, não...vai ficando por aí, tocando seu pandeirinho, que fome aqui você não passa [...]” Os autores citados comentam ainda a continuidade deste período (1945):

Abanou o banzo e a fome com cachaça, linguíça assada e pandeiro. As rodas de samba iam acontecendo com naturalidade e regularidade. Começa a se entrosar com os boêmios e os músicos do lugar, mas apenas o tempo suficiente para que as coisas esfriem em Campina. Estava na hora de voltar. Sai de João Pessoa tão rapidamente quanto chegou [...] Porém, um inesperado convite o chama de volta a João Pessoa, para tocar uma temporada na City Pensão, um dos cabarés mais chiques da Maciel Pinheiro¹⁴ [...] A receptividade da clientela da boate foi tão entusiástica, que resolvem contratar Jack por tempo indeterminado. (Idem, p. 89).

Entre os frequentadores da City estavam vários músicos da Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. João Leite dos Santos, conhecido como Bôto, baterista da orquestra, convidou Jack para fazer parte do cast da Rádio Tabajara. Apesar do sucesso na zona de meretrício, Jack foi contratado com um salário inferior ao que era pago aos contínuos da emissora. Aceitou, percebendo que ali estava uma possibilidade de aprender mais e a desenvolver sua habilidade nas emboladas, cocos, baiões e frevos. Ele já havia desenvolvido muito bem a capacidade de cantar emboladas e cocos.

Na Rádio Tabajara, sua direção passou a incentivar e promover os programas de auditório, que fizeram despontar no cenário radiofônico paraibano animadores como Paschoal Carrilho, cujo programa *Valores Novos* levava multidões aos auditórios da Rádio Tabajara e Cine Rex. Jacy Cavalcante, Geraldo Campos e Gilberto Patrício comandaram os programas *A Caminho da Fama*, *Vesperal das Normalistas*, com a parti-

¹³ Os serviços de alto-falante ajudaram na consolidação do rádio no interior nordestino. Estavam próximo dos ouvintes, divulgando publicidade, tocando discos em 78 rpm e apresentavam shows de calouros. Marinês, Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro e Antônio Barros começaram cantando nessas “difusoras”. Em Cajazeiras, na Paraíba, um serviço de alto falante deu origem ao rádio na cidade.

¹⁴ A principal “zona” de João Pessoa.



cipação das estudantes dos colégios das Neves e das Lurdinas, *Carrossel de Diversões*, *O Rei se Diverte*, e *Turbilhão de novidades* (que tinha a divulgá-lo um letreiro luminoso em gás néon no centro da cidade). Eram programas com um público certo: estudantes que não possuíam dinheiro para ir ao cinema ou clubes e pessoas das classes mais pobres. Havia sempre sorteio de ingressos para os outros programas e distribuição de brindes - em João Pessoa não se falava em outra coisa, a não ser em tais programas. Para esse clima concorreram também a necessidade de descontração devido à participação do país na II Guerra, a euforia pela vitória dos aliados sobre o Eixo e a redemocratização do país anunciada pelo governo Vargas através de seu aparato de informação e divulgação. Nesse mundo, com o nome de Jackson do Pandeiro, entre 1946 e 1947 ele fez o maior sucesso na Paraíba. Em 1948 o maestro Nôzinho recebe proposta para dirigir a orquestra da nova Rádio Jornal do Comércio de Recife (com o seu quase eterno slogan “Pernambuco falando para o mundo”), e convida Jackson para tomar parte do grupo. Ele aceita e se muda para a capital pernambucana.

Em Recife, Jackson vai morar num prédio da Rua Nova, onde se localizava a Confeitaria Glória, palco do assassinato de João Pessoa em 1930. A nova moradia em nada lembrava o tempo das vacas magras, quando ocupava bordéis, quartos imundos e cortiços. A Rádio Jornal do Comércio¹⁵ em pouco tempo solidificou sua programação tornando-se a líder em audiência devido aos programas de auditório e o bom cast de músicos, onde se incluía Jackson do Pandeiro. Os ídolos do rádio e da música se apresentavam com frequência na emissora. Entretanto, os dirigentes das duas maiores do rádio pernambucano – Jornal e a veterana Clube – mantinham uma disputa de cavalheiros, como informam Moura e Vicente (2007, p. 134): “ ‘Temos no Recife lugar de sobra para duas grandes emissoras’, contemporizaria Arnaldo Moreira Pinto, diretor da Rádio Clube”. Na Rádio Jornal, comentava-se que a disputa não era com a Rádio Clube, e sim, com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Nesse meio, Jackson do Pandeiro aprendia e galgava degraus; em menos de um ano é presença obrigatório em quase todos os programas da Rádio Jornal: *Clube da Colher*, *Caravana das Nove*, *Alô*, *Momo e Sai daí*, *Papangú*. A contratação de Almira Castilho (futura parceira e mulher) pela emissora dos Pessoa de Queiroz, em pouco tempo leva à formação da dupla mais famosa do rádio e da música brasileira.

¹⁵ Mais de 32 milhões de cruzeiros, uma fortuna na época, foram investidos em instalações e equipamentos para que a nova emissora entrasse no ar.



Jackson viaja para o Rio de Janeiro a fim de assinar contrato (de grande vantagem para ele) com a Copacabana e começa, assim, sua escalada de sucesso fora do nordeste. Ele e Almira Castilho participam de programas de auditório (Cesar de Alencar, Paulo Gracindo), cantam em casas de show e boates, fazem filmes e atuam na televisão¹⁶. Ele era um ferrenho crítico à invasão de ritmos e músicas estrangeiras nas emissoras de rádio brasileiras. Em entrevista a Ana Maria Baiana, em *O Globo* ele declarou

Tem muita gente por aí que pensa que eu morri. Verdade. Outro dia fui fazer um show em Minas e um rapaz me perguntou: “Ué, Jackson, você ainda está vivo, ó? Você não parou de gravar, não?” E eu disse: Olha, menino, eu não sei disso, não. Eu tô aí, eu gravo todo ano. Faço um LP, faço carnaval, faço São João. Agora, quedê que tocam os discos. Tocam nada. Então não tem condições de eu aparecer. (MOURA E VICENTE, 2007, p. 314)

AS INFLUÊNCIAS

- E então, Jackson? Parece que você não gostou porque Chatô beijou sua mulher?
- Ôxente, e é pra gostar, é? Tá com a mulesta! Por que ele não traz a mulher dele pra gente beijar também?
- Mas, rapaz, o Chateaubriand já está gagá, ali não tem mais perigo de nada!!!
- Olhe, doutor D’Ávila, com perigo ou sem perigo, se tá gagá, guegué, guigui...mesmo assim, eu não quero. O senhor avisa pra ele ou então eu não vou mais aos shows que ele me convidar...¹⁷

Flora Mourão, a mãe, exímia cantadora de coco nordestino, foi a primeira grande influência na carreira de Jack. Zé Gomes e Flora eram um casal *sui generis*: ela, quase emancipada pela arte da música que carregava consigo, enquanto ele, nada mais do que um machista contido no cenário interiorano do nordeste. Enquanto Zé Gomes cuidava da fábrica de tijolos, Flora e os filhos andavam cantando pelas feiras, batizados, casamentos, festejos juninos e natalinos. "Tem festa, então vamos chamar o pessoal da Mourão", dizia o povo. Ela morreu em 14 de agosto de 1946. “Morre à tardinha, na hora do crepúsculo. Em silêncio, momentaneamente em paz. Um passarinho, um xexéu-de-bananeira” (Moura e Vicente, 2007, p. 112). Ele venera a mãe e promete manter os irmãos unidos até o fim da vida. O enterro é simples, entretanto, o caixão, apesar da pobreza da família, é um dos melhores que havia na funerária; Jackson endividou-se para prestar a última homenagem a Flora da melhor forma possível. Na Rádio Tabajara, os amigos de Jackson, que se apresentavam ao vivo interpretando canções da época, homenageiam a mãe do amigo.

¹⁶ Na Rádio Tupi do Rio, Jackson e Almira tomaram parte do programa de abertura da série *Recolhendo o Folclore*, uma criação de Almirante que era irradiada às quartas-feiras, às 20h35. Participaram também daquele programa inicial o Conjunto Farroupilha, Gilvan Chaves e Sivuca.

¹⁷ Moura e Vicente (2007, p. 221)

Rosil Cavalcanti, auto-definido como um pernambucano de Campina Grande desempenhou papel importante na vida de Jackson. Era radialista, produtor, compositor (30 de suas músicas foram gravadas por Jackson, incluindo *Sebastiana*¹⁸), humorista e apresentador. Seu maior sucesso foi o programa “Forró do Zé Lagoa”, na Rádio Borborema de Campina Grande, nos anos 1950, que ele apresentava sozinho fazendo várias vozes. No programa, o Zé Lagoa era uma espécie de mediador dos dramas e comédias da cidade, intercaladas de muita música – um radioteatro musical. Apesar de boêmio e frequentar bares e cabarés, Rosil quase não bebia. Ele estreou na Rádio Tabajara de João Pessoa em 30 de maio de 1947, cantando acompanhado por um conjunto regional do qual Jackson fazia parte. Os dois tornaram-se amigos, e essa cumplicidade e humor despertaram a atenção de Orlando Vasconcelos, diretor artístico da Tabajara, que criou a dupla *Café com Leite*, tornando-se a versão paraibana de Jararaca e Ratinho¹⁹. A dupla só durou três meses, após o que Jackson foi convidado para o rádio pernambucano. Rosil morreu no dia 10 de julho de 1968.

Finalmente, entra na vida de Jack Almira Castilho de Albuquerque, pernambucana de Olinda, bisneta de espanhóis, por parte da mãe, e de índios, por parte do pai, criada com severidade pela tia, que pleiteou a guarda da menina porque a mãe desta casara muito cedo, aos 15 anos de idade. Almira gostava de imitar Carmen Miranda e ensaiava passos de dança na escola. Formou-se em Pedagogia e abriu uma escola que ficou conhecida como a escola da professora Mimi, seu carinhoso apelido. Tinha o apoio da mãe biológica na sua intenção de pertencer ao rádio, apesar da rigidez da mãe de criação, que não almejava para Almira a carreira artística. Quando a Rádio Jornal do Comércio abriu concurso para seleção de radioatrizes, em 1952, Almira concorreu e ali começou sua carreira, que logo se ampliou para canto e dança.

¹⁸ Primeira música gravada de Rosil Cavalcanti, foi lançada num programa de auditório da Rádio Jornal do Comércio, sob a interpretação de Jackson do Pandeiro e a colaboração da teatróloga Luísa de Oliveira. Na passagem “A-E-I-O-Upsilon”, Luísa deu uma umbigada em Jackson, o que conquistou a platéia. Mais tarde, a umbigada tornou-se a marca de Almira Castilho, que substituiu Luísa nos programas de auditório da Rádio Jornal. *Sebastiana* faz parte do lado A de um 78 rpm da Copacabana que tem no lado B *Forró em Limoeiro*, rojão de Edgar Ferreira.

¹⁹ Em 1922, Jararaca (José Luiz Calazans, alagoano) e Ratinho (Severino Rangel de Carvalho, paraibano) chegaram ao Rio de Janeiro acompanhando o conjunto Turunas Pernambucanos, ajudando a difundir a música nordestina ao lado do violonista João Pernambuco. A difusão consolidou-se em 1927, com a chegada do grupo recifense Turunas da Mauricéia, com o cantor Augusto Calheiros, o *Patativa do Norte*. Jararaca, ao violão, e Ratinho, no clarinete e sax alto se destacaram no humor musical durante muitos anos. Um de seus sucessos é a marcha carnavalesca *Mamãe eu quero*. Jararaca morreu aos 75 anos, em 8 de setembro de 1972; Ratinho morreu com 81 anos de idade, em 9 de outubro de 1977; ele foi demitido da Rádio Nacional em 1964 por ser amigo de Luiz Carlos Prestes.



O pós-carnaval de 1953 marcou a aproximação profissional e amorosa de Almira e Jackson, embora a união tenha sido de apenas 12 anos. Foi, no entanto, tão intensa sua fama no meio radiofônico, que após a separação os fãs ainda perguntavam por onde andava a dupla. Almira desempenhou papel importante na carreira de Jackson ao ensiná-lo a ler e a escrever – ele mal sabia assinar o nome nos contratos. Depois de separada de Jackson ela costumava dizer, conforme relatam Moura e Vicente (2007, p. 292): “Casamento, meu filho, é doença que em mim não pega nunca mais. Eu já fui até vacinada e cruzada na macumba contra esse micróbio. Estou de corpo fechado”. Jackson, por seu lado, dizia

Ela era uma excelente esposa, mulher de muito boa cabeça. Mas depois de uma aventura boba, minha, ela botou o pé no freio. Quis que eu fizesse o que ela queria. Era Almira atrás de mim o tempo todo. Aí se deu a moléstia. Ela disse que pedia o desquite e foi ela pedindo e eu dando. E até hoje estamos aí, eu pra cá e ela pra lá. (MOURA e VICENTE, 2007., p. 294)

CONCLUSÃO

Em nosso país o músico nunca tem vez. Trabalha muito, ganha pouco (...). O desemprego em massa de artistas de valor é consequência da falta de divulgação de nossa música. As rádios insistem nos sucessos estrangeiros. O resultado é que o povo se desacostuma em ouvir seu próprio ritmo, só querendo saber do tal do iê-iê-iê. E do modo que vai, o Brasil acaba virando um país sem folclore.²⁰

Sua produção fonográfica alcançou a marca de 415 canções, entre 137 LPs, Compactos e 78 RPM²¹. Moura e Vicente (2007, p. 382) chamam a atenção para a falta de critérios no lançamento de CDs com as músicas de Jackson. Segundo eles, o tributo que foi prestado ao ritmista em 1998 pelo Prêmio Sharp serviu para atizar a cobiça das empresas fonográficas. De acordo com os autores, esses lançamentos são “Cavalo de Tróia”, verdadeiras “cascas de banana e chicletes mascados, espalhados como armadilhas de uma guerrilha urbana, bem no meio do caminho de consumidores e pesquisadores insaciáveis”. Os grandes sucessos de Jackson *Sebastiana* e *Chiclete com banana* constam repetitivamente em seis CDs lançados nos últimos tempos, em detrimento de outras preciosidades restritas a museus e colecionadores.

A discografia de Jackson também é marcada por imprecisões, como por exemplo: *Chiclete com banana* em algumas ocasiões é assinada somente por Gordurinha, em outras por José Gomes (Jackson, co-autor) e em outras por Almira Castilho. Coincidentemente, José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, morreu na Casa de Saúde Santa

²⁰ Moura e Vicente (2007, p. 30)

²¹ Tecnologicamente falando, o LP de 33 1/3 de rotações por minuto chegou ao Brasil em 1951 e o disco de 45 RPM em 1953. O emprego da fita magnética e a possibilidade de gravação em múltiplos canais aposentaram o antigo registro em cera.



Lúcia, em Brasília, no dia 10 de julho de 1982, mesma data de morte do amigo e parceiro Rosil Cavalcanti, depois de um enfarte motivado pelo diabetes, que vitimou também a mãe e o pai.

REFERÊNCIAS

LEAL, Wills. *No Tempo do Lança-Perfume*. João Pessoa, A União Editora, 2000. 168 p.

MARANHÃO FILHO, Luiz. *Memória do rádio*. Recife, Jangada, 1991. 95 p.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo, Círculo do Livro Ltda., 1994. 705 p.

MOURA, Fernando e VICENTE, Antônio. *Jackson do Pandeiro - o rei do ritmo*. São Paulo, Editora 34, 2007. 1ª reimpressão. 415 p.

SANTOS, Hayton. *O Rádio paraibano em álbum de recordações: 1932-1960*. João Pessoa, 1977. 75 p.

SEVERIANO, Jairo & MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo: 85 anos de música brasileira – 1901-1957*. 3. ed. São Paulo, Editora 34, 1998. v. 1. 377 p.

_____. *A canção no tempo: 85 anos de música brasileira – 1901-1957*. São Paulo, Editora 34, 1998. v. 2. 367 p.

SOUSA, Moacir Barbosa de. *Do Gramofone ao Satélite; evolução do rádio paraibano*. João Pessoa, Editora da UFPB, 2005. 215 p.